

Dançando entre mundos: uma entrevista com Katie King

Dancing amid worlds: an interview with Katie King

Por/By Marina Costin Fuser¹

Katie King is a prominent scholar and a former Professor in the field of Women's Studies at the University of Maryland. She received her PhD in History of Consciousness at the University of California, Santa Cruz, advised by Donna Haraway, who also had the privilege of studying with Gregory Bateson, who is highly influential to her work. She has published "Theory in its Feminist Travels: Conversations in US Women's Movements" (1994) and "Networked Reenactments: Stories Transdisciplinary Knowledges Tell" (2011), besides several articles on "Feminism and Writing Technologies: Teaching Queerish Travels through Maps, Territories, and Pattern" (1994), and multiple transdisciplinary contributions to the fields of Critical theory, Feminist Theory, Media and Communications, Technoscience Studies, Cyberculture, and Cultural Studies. In "Women in the Web" (2003) she states that:

Katie King é uma pesquisadora proeminente e professora aposentada na área de estudos de gênero na Universidade de Maryland. Ela recebeu seu doutorado em História da Consciência na Universidade da Califórnia, Santa Cruz, orientada por Donna Haraway, onde também teve o privilégio de estudar com Gregory Bateson, que é altamente influente em seu trabalho. Publicou os *Theory in its Feminist Travels: Conversations in US Women's Movements* (1994) e 'Networked Reenactments: Stories Transdisciplinary Knowledges Tell' (2011), além de vários artigos como 'Feminism and Writing Technologies: Teaching Queerish Travels through Maps, Territories, and Pattern'. (1994) e múltiplas contribuições transdisciplinares para os campos da teoria crítica, Teoria Feminista, Mídia e Comunicações, Estudos de Tecnociência, Cibercultura e Estudos Culturais. Em "Women in the Web" (2003), ela afirma que:

¹ Marina Costin Fuser é cientista social, doutora em cinema e estudos de gênero em Sussex (CAPES), com doutorado-sanduíche em Berkeley. Atualmente faz pós-doutorado no IEA-USP sobre tecnologias de aprendizagem e em tecnologias da inteligência sobre a semiótica de robôs feministas no TIDD/PUC-SP. Dentre suas pesquisas, se destacam: um estudo acerca da emancipação da mulher em Simone de Beauvoir, mulheres no teatro político de Hilda Hilst, e o nomadismo no cinema de Trinh T. Minh-ha. Em Sussex, lecionou no campo de estudos culturais. Publicou os livros *Palavras que Dançam à Beira de um Abismo: Mulher na dramaturgia de Hilda Hilst* (EDUC) e co-editou *Mulheres Atrás das Câmeras: As Cineastas Brasileiras de 1930 a 2018* (Estação Liberdade). ORCID: orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0003-0931-0673. E-mail: marinaacfuser@hotmail.com.

The field of feminism and writing technologies includes histories of specific technologies, such as Internet, satellite TV, and other interpenetrating communications infrastructures, printing, xeroxing, and other forms of reproduction; computers, book wheels, codex, and other linking device; alphabets, chirographs, sound and video recording, and other forms of inscription; pencils, typewriters, and other marking implements; paper, screen, and other surfaces of display, epic poetry, telenovelas, and other formalizes oralities; pictographs, websites, and other artifacts of visual culture. (KING, 2003, p. 304)

These technologies are studied through specific methods that draw on feminist theory in order to think critically about the power relations involved in these processes. King has a very particular use of the word “speculation”. This word often raises suspicions, specially by pragmatists, who are looking for precise market prediction and concrete action plans. She is highly drawn on creative ways of imagining different paths and combinations, opening the mind for other possibilities which have not been tried or fully developed yet.

O campo do feminismo e das tecnologias da escrita envolve histórias de tecnologias específicas, como a internet, a televisão via satélite e outras infraestruturas de comunicação interpenetrantes; impressão, fotocópias e outras formas de reprodução; computadores, rodas de livro, códice e outros dispositivos de ligação; alfabetos, quirógrafos, gravação de som e vídeo e outras formas de inscrição; lápis, máquinas de escrever e outros instrumentos de marcação; papel, tela e outras superfícies de exibição, poesia épica, telenovelas e outras oralidades formalizadas; pictogramas, sites eletrônicos e outros artefatos da cultura visual. (KING, 2003, p. 304, tradução nossa)

Essas tecnologias são estudadas por meio de métodos específicos que partem da teoria feminista para pensar criticamente sobre as relações de poder envolvidas nesses processos. King tem um uso particular do método especulativo para pensar em processos de construção de mundos. A palavra “especulativo” costuma levantar suspeitas, especialmente por parte dos pragmáticos que buscam previsões de mercado precisas e planos de ação concretos. Ela se interessa por maneiras criativas de imaginar diferentes caminhos e combinações, abrindo a mente para possibilidades que ainda não foram experimentadas ou desenvolvidas até o final.

In the introduction of her book *Networked Reenactments: Stories Transdisciplinary Knowledge Tell*, she explores the TV show “Leonardo’s Dream Machines” (2003) that set into play reenactments in the endeavor of building some of Leonardo da Vinci’s models. At one level, this introduction is emblematic because Leonardo was both an artist and a scientist who used his artistic imagination to create new technologies, some with success and some with interesting failures that the TV show explores and attempts to “fix”. But on a rather personal level, this introduction may be curious to the readers in São Paulo because just before the pandemic outbreak, there was an exhibition with models built from Leonardo’s sketches in “Leonardo da Vinci: 500 Years of a Genius” at MIS Experience, a museum in the city of São Paulo. These models gave an embodied perspective to Leonardo’s speculations, which brought texture, tactility, movement and visual aids to read Katie King’s work, in which she tackles speculation, experimentation, as well as thinking through different connections.

Na introdução do seu livro *Networked Reenactments: Stories Transdisciplinary Knowledges Tell* (2011), ela explora o programa de TV “Leonardo’s Dream Machines” que coloca em cena reconstituições no esforço de construir alguns dos modelos de Leonardo da Vinci. Em certa medida, esta introdução é emblemática porque Leonardo é um artista e um cientista, que usa sua imaginação artística para criar novas tecnologias, algumas com sucesso e outras com fracassos interessantes que o programa televisivo explora e tenta “consertar”. Mas, em um nível bastante interpessoal, esta introdução pode ser curiosa para os leitores de São Paulo, pois pouco antes da eclosão da pandemia, houve uma exposição com maquetes construídas a partir de esquetes de Leonardo em “Leonardo da Vinci: 500 anos de um gênio” no MIS Experience, museu na cidade de São Paulo. Esses modelos deram uma perspectiva materializada às especulações de Leonardo, que trouxeram textura, tato, movimento e recursos visuais para a leitura da obra de Katie King, na qual aborda a especulação, a experimentação, o pensamento através de diferentes conexões.

I have approached Katie King through social media mainly because I was intrigued by Donna Haraway's approach on women's studies and began to look for possible connections that leaned towards the same direction. Katie King was a big discovery for me because she is able to connect points that are unexpected in conventional academic scholarship, such as challenging the "natureculture" divide, and thinking with feminism on technoscience, writing technologies and digital culture, queer and lesbian studies, and Colonialism, Globalism, Media Ecologies, Productive Agencies, Reenactment, taken to a very carefully knitted way of worldings, while she plays with words and meanings, in a rigorous, and sharp methodology, which still leaves room for imagination, and to think with her readers. We are very privileged to have this interview with King, which was originally fragmented but then assembled together.

Minha aproximação a Katie King se deu por meio de redes sociais, uma vez que fiquei intrigada com a abordagem de Donna Haraway sobre os estudos das mulheres e comecei a procurar possíveis conexões que tendiam na mesma direção. Katie King foi uma grande descoberta, porque ela é capaz de conectar pontos que não são esperados na perspectiva acadêmica convencional, como desafiar a divisão "naturezacultura" e pensar com o feminismo na tecnociência, tecnologias de escrita e cultura digital, estudos queer, lésbicos e pós-coloniais, globalismo, ecologias de mídia, agências produtivas, reencenação, processos de construção de mundos muito bem entrelaçados, enquanto ela brinca com palavras e significados, em uma metodologia rigorosa e apurada, que abre espaço para a imaginação e para pensar com seus leitores. Temos o privilégio de ter essa entrevista com King, que foi fragmentada e depois disposta neste arranjo em versões de língua inglesa e portuguesa.

Marina Fuser (M.F.): *The Brazilian anthropologist Eduardo Viveiros de Castro (1996) learned from Amerindian cosmologies the stakes of “perspectivism”, a means of looking as if they were someone else, which could be a person, an animal, a plant, an object, hence contesting the binary between nature and culture. The displacement of perspective that Viveiros de Castro’s concept implies is taken to multiplicity with the ideas of telescoping and cascading, scopes and scales (like on Google Earth), assembling a multiperspectivism, in simultaneous layers and grains of detail. What are some tactics of multiplying points of view and perception in regards to social medias and the current polarizations? What is the role played by current writing technologies across multiple platforms in the pandemics? In what ways and to what extent has our communication changed since the beginning of the pandemics?*

Katie King (K.K.): I’ve become attached to my iPad during the pandemic, hardly ever using my laptop. To write to you I’m using Microsoft Word for iPad for the first time, just downloaded it, exploring. What spoke to me from your questions in immediacy was this wondering about these pandemic platforms; in at least one of the ways, via Facebook, you and I are sharing life right now. It speaks to me also of multiplying points of view and perceptions. Of resisting and falling into polarizations. Of making refuge across spaces and times simultaneous and asynchronous in the corrupted necessities of Facebook, of living without innocence. Let’s see what this Word for iPad can do for sharing now.

Marina Fuser (M.F.): *O antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro (1996) aprendeu com as cosmologias ameríndias o que está em jogo no “perspectivismo”, uma forma de olhar como se fosse outra pessoa, que poderia ser uma pessoa, um animal, uma planta, um objeto, contestando assim o binário entre natureza e cultura. O deslocamento de perspectiva que o conceito de Viveiros de Castro implica é levado à multiplicidade com as ideias de telescopagem e cascata, escopos e escalas (como no Google Earth), montando um multiperspectivismo, em camadas e grãos de detalhes simultâneos. Quais são algumas táticas de multiplicação de pontos de vista e percepções a respeito das mídias sociais e das polarizações atuais? O que diria que é o papel desempenhado pelas tecnologias de escrita atuais em várias plataformas nas pandemias?*

Katie King (K.K.): Eu me apeguei ao meu iPad durante a pandemia, quase nunca usando meu laptop. Para escrever para você, estou usando o iPad pela primeira vez, acabei de baixá-lo, estou explorando. O que me falou a partir de suas perguntas imediatas foi este questionamento sobre essas plataformas pandêmicas; em pelo menos uma das maneiras, via Facebook, você e eu estamos compartilhando vida agora. Também me fala em multiplicar pontos de vista e percepções. De resistir e cair em polarizações. De se refugiar em espaços e tempos simultâneos e assíncronos nas necessidades corrompidas do Facebook, de viver sem inocência. Vamos ver o que o iPad pode fazer pelo compartilhamento agora.

M.F.: I liked the figuration of a cat's cradle that you borrowed from Donna Haraway (1994) and played with, a game of re-laying patterns passing the string from hand to hand with multiple twists and repatterning, which stands for scholarship, with their passages from hand to hand, their tangles, their possibilities of reconfiguration. It is quite clear to me why Donna Haraway said that you are "such a good partner in worlding". It is through the strings that connect people, objects, technologies, thoughts, and materialized thoughts that we come into being, into complex beings. You also write about strings as writing technologies employed by the Inkas, who used to write through knots ("khipo"). I'm now thinking of Ariadne's thread in a rhizomatic web, which is very hard to follow. Could you please elaborate on how your work connects with string theory?

K.K.: I admit that right now I'm finding it hard to string together words. Not all the reasons are clear to me at all. Once, earlier in my life, I had an extended period of loss of faith in words. I was in the middle of multiple traumas, my own and others, hanging onto staying alive myself in my own eating disorder while saving another from cutting episodes and suicide attempts. My anxiety took the form of fear of book stores, I couldn't walk near them, shaking all over.

M.F.: Gostei da figuração da cama de gato que você emprestou de Donna Haraway (1994) e jogou com, um jogo de retransmissão de padrões passando a corda de uma mão para outra com múltiplas torções e repadronizações que implica na transmissão de conhecimento, com suas passagens de mão a mão, seus emaranhados, suas possibilidades de reconfiguração. É muito claro para mim porque Donna Haraway disse que você é "uma ótima parceira em construir mundos." É através dos fios que conectam pessoas, objetos, tecnologias, pensamentos e pensamentos materializados que passamos a existir, enquanto seres complexos. Você também escreve sobre fios como tecnologias de escrita empregadas pelos Incas, que costumavam escrever por meio de nós ("khipo"). Agora estou pensando no fio de Ariadne em uma teia rizomática, que é muito difícil de acompanhar. Você poderia explicar como seu trabalho se conecta com a teoria das cordas?

K.K.: Admito que agora estou achando difícil juntar as palavras. Nem todas as razões estão claras para mim. Certa vez, no início da minha vida, tive um longo período de perda de fé nas palavras. Eu estava no meio de múltiplos traumas, meus e de outros, tentando me manter viva em meu próprio distúrbio alimentar enquanto salvava outra pessoa de episódios de automutilação e tentativas de suicídio. Minha ansiedade assumiu a forma de medo das livrarias, eu não conseguia andar perto delas, tremendo.

Now I'm in retirement, recovering with delight from professional worries, anxiety much muted and reasonable, and I find myself reveling in low stimulation. Words seem to require a kind of belief in a limited rationality I have found wanting. Making strings is now my most profound activity, most meaningful without necessary reference to words. I had thought that in retirement I would write a lot, with three books in mind. I did library research, reached out to folks for thinking buddies, and none of that hooked me in.

Instead, spinning and weaving took me up. I like the mediated sociability of my fiber Facebook groups, present and kindly. And my delight in *kipu* knowledges has been altered as I learned of the predatory sexual activities of the *kipu* scholar I admired. I haven't yet quite recovered from this knowledge, haven't figured out how it fits into the string theories I care about.

So, I've retreated into making strings and things during pandemic sheltering, my very privileged position as a retired white person in California making it oddly safe, oddly lovely, in the midst of the great difficulties of so many. But then I grew up in colonial privilege in post-war Japan, Cold War Turkey, Vietnam-inflected Thailand, the US military, white supremacy cultures. So that safety dependent on the emiseration of others in is only too familiar. What this calls for from me I am letting my life speak and I am trying to listen.

Agora estou aposentada, me recuperando com prazer das preocupações profissionais, ansiedade muito silenciosa e razoável, e me encontro me deleitando com o baixo estímulo. As palavras parecem exigir um tipo de crença em uma racionalidade limitada que considero insuficiente. Trabalhar com fios é agora minha atividade mais profunda, mais significativa sem a referência necessária das palavras. Imaginava que na aposentadoria escreveria muito, com três livros já planejados. Eu fiz pesquisas na biblioteca, procurei pessoas como amigos pensantes, e nada disso me fisgou.

Por outro lado, girar e tecer me levaram para cima. Gosto da sociabilidade mediada dos meus grupos do Facebook sobre fibra, presentes e acolhedores. E meu prazer nos conhecimentos *kipu* foi alterado quando soube das atividades sexuais predatórias do estudioso *kipu* que eu tanto admirava. Eu ainda não me recuperei totalmente do impacto dessa informação, não descobri como ele se encaixa nas teorias de cordas que me interessam.

Então, eu me retirei para tecer fios e outras coisas durante a quarentena. Minha posição privilegiada como uma pessoa branca aposentada na Califórnia torna-me estranhamente segura, estranhamente adorável, em meio às grandes dificuldades de tantos. Eu cresci com o privilégio colonial no Japão do pós-guerra, na Turquia da Guerra Fria, na Tailândia influenciada pelo Vietnã, nas forças armadas dos EUA, culturas de supremacia branca. De modo que a segurança dependente da emiserção de outros é um lugar-comum. O que isso exige de mim, estou deixando minha vida falar e estou tentando ouvir.

M.F.: Many terms that you use in your work, such as “khipo strings”, “links”, “connections”, “cat’s cradle”, “networks”, and the way you gather your thoughts with other feminist and cultural theorists make me think of your writing as a way of knitting and worlding. I couldn’t help but notice in your social media that knitting is something that you enjoy doing. Would you say there’s a connection between your writing and your knitting?

K.K.: When I learned to write I tried to write in thread on fabric. When my mother tied to sleep in on the weekend, I’d get up early and wake her to thread my needle. My grandmother taught me to knit around the same time, but all I could do by myself was cast on! Many needles covered in yarn!

When I went to college, I learned that the word “text”, for what we read, is related to the word “texture”, as something touched and woven together. Structuralism was in the academic air, and I loved breathing in the transdisciplines and kinds of science fictions enabled by the talking words of structuralist anthropology as kin to literatures.

M.F.: Muitas palavras que você usa em seu trabalho, como “cordas khipo”, “links”, “conexões”, “cama de gato”, “redes”, bem como a maneira como você reúne seus pensamentos com outras feministas e teóricas culturais, me fazem pensar em sua escrita como uma forma de tricotar e mundo. Não pude deixar de notar nas suas redes sociais que tricô é algo que você gosta de fazer. Você diria que há uma conexão entre sua escrita e seu tricô?

K.K.: Quando aprendi a escrever, tentei escrever com linha no tecido. Quando minha mãe ia dormir até tarde no fim de semana, eu levantava cedo e a acordava para enfiar a linha na minha agulha. Minha avó me ensinou a tricotar na mesma época, mas tudo que eu podia fazer sozinha era escalar! Muitas agulhas cobertas de fios!

Quando fui para a faculdade, aprendi que a palavra “texto”, para o que lemos, está relacionada à palavra “textura”, como algo tocado e tecido junto. O estruturalismo estava no ar acadêmico e eu adorava respirar a transdisciplinaridade e tipos de ficção científica possibilitados pelas palavras faladas da antropologia estruturalista como parentesco com as literaturas.

After I finished my re-enactments book, I got to go to Sweden, and loved staying in a reconstructed set of buildings next door to a living history site. The first time it was the middle of winter and the site was mostly attended by caretakers, but one woman took the time to show me around, and we got talking about knitting and embroidery, and she told me about the social media site Ravelry.com. Every time I returned to stay next to the museum it had acquired more textile and fiber artifacts and work. And I got to meet at the university people combining electronics, social media, clothing, and fabric, in new institutional arrangements.

My teaching was altered by all this. These activities of making enlivened my feelings and love and scholarly interest in writing technologies, as did longings for play, playing, recreating, as learning, and living well.

Now I revel in all this in retirement. And during the pandemic I have played in this way. I only wish everyone could...

Depois de terminar meu livro de reconstituições, fui para a Suécia e adorei viver em um conjunto reconstruído de edifícios ao lado de um local de história viva. A primeira vez foi no meio do inverno e o local era mais frequentado por zeladores, mas uma mulher se deu ao trabalho de me mostrar o local e ficamos conversando sobre tricô e bordado, e ela me contou sobre o site de rede social Ravelry.com. Cada vez que voltei para contemplar o museu, ele havia adquirido mais artefatos, trabalhos têxteis e de fibra. E pude conhecer na universidade pessoas que combinam eletrônica, redes sociais, roupas e tecidos em novos arranjos institucionais.

Minhas práticas de ensino foram tocadas por tudo isso. Esses afazeres práticos avivaram meus sentimentos, amor e interesse acadêmico por tecnologias de escrita, assim como anseios por brincar, recriar, aprender e viver bem.

Agora eu me deleito com tudo isso na aposentadoria. E durante a pandemia, joguei dessa forma. Eu só queria que todos pudessem fazer o mesmo...

M.F.: Among your multiple references, the theories of two Chicanas come into play: Chela Sandoval, Gloria Anzaldúa, and their fabulous works on bridges, borders, and crossings. The border that the mestiza crosses includes, but goes beyond, the patrolled physicality of the US borders with Mexico. It constitutes a space in between languages, cultures, thought processes, skins, and inner battles. It can be a place of pain, but it's potentially a place of allegiances. When you write about gatherings among transcontextual habitats in your article on "Barad's Entanglements and Transcontextual Habitats" (2016), would you say you are performing the act of bridging?

K.K.: I just received an email referring to this article too, a kind person who says, "I thank you for the encounter with Bateson through your work." I'm eating some figs while writing. I'm taken with the requirement figs have to incorporate and digest fig wasps in order to bear fruit.

These are just some of many transcontextual habitats I inhabit momentarily. Bridging is involved for sure, but I'm not the agent making these happen, I'm pulled about among all these goings on, thankfully.

M.F.: Entre suas múltiplas referências, entram em jogo as teorias de duas Chicanas: Chela Sandoval (2000), Gloria Anzaldúa (1981) e seus fabulosos trabalhos sobre pontes, fronteiras e cruzamentos. A fronteira que a mestiça atravessa inclui, mas vai além da fisicalidade patrulhada das fronteiras dos Estados Unidos com o México. Constitui um espaço entre línguas, culturas, processos de pensamento, peles e batalhas internas. Pode ser um lugar de dor, mas é potencialmente um lugar de lealdade. Quando você escreve sobre encontros entre habitats transcontextuais em seu artigo "Barad's Entanglements and Transcontextual Habitats" (2016), você diria que está realizando o ato de construir uma ponte?

K.K.: Acabo de receber um e-mail referindo-se a este artigo também, uma pessoa simpática que diz: "Agradeço o encontro com Bateson por meio do seu trabalho." Estou comendo figos enquanto escrevo. Estou surpresa com o requisito que os figos têm de incorporar e digerir vespas de figo para dar frutos.

Estes são apenas alguns dos muitos habitats transcontextuais que habito momentaneamente. Construir pontes com certeza tem a ver com isso, mas eu não sou o agente que faz isso acontecer, felizmente me interessa por todos esses acontecimentos.

And it is true that allegiances need nurturing, and that acts of individual care and intention play parts, yet inhabiting transcontextual habitats is less about such and more about dancing amid worlds with less control possible, with participating in what is happening, barely perceptively, on the edge. Both Sandoval (2000) and Anzaldúa (1981) speak to this kind of nonpersonal intention, dredged up for consciousness, but not located there.

Bateson wondered how to communicate this nonconscious intention, too. How to live with it, not driving action, yet not shirking accountabilities. Individual and collective are not binaries, companion words with many others trying so hard to keep worlds happening well, or let worlds compost for yet to be being.

And fictions of individual agency are pivotal here paradoxically because they move actions along, keep things sifting and changing, give us courage, open up moral longings, work with hopelessness, and keep us pushing each other about.

These are all bits in bridging perhaps...

E é verdade que lealdades precisam ser nutridas, e que ações que envolvam o cuidado e a intencionalidade numa aceção individual desempenham papéis, ainda que viver em habitats transcontextuais fale menos disso, e mais sobre dançar em meio a mundos com menos controle possível, de tomar parte nos acontecimentos, apenas perceptivelmente, na borda. Tanto Sandoval quanto Anzaldúa falam desse tipo de intenção não pessoal, drenada para a consciência, mas não localizada ali.

Bateson se perguntou como também comunicar essa intenção inconsciente. Como conviver com isso, sem impulsionar a ação, mas sem fugir das responsabilidades. Individual e coletivo não são binários, palavras que acompanham tantos outros que tentam a duras custas manter os mundos acontecendo, ou deixar que os mundos se decomponham para que todavia não existam.

E as ficções de agência individual são centrais aqui, paradoxalmente, porque movem as ações, mantêm as coisas peneiradas e mudando, nos dão coragem, abrem anseios morais, trabalham sem esperança e nos mantêm empurrando uns aos outros.

Tudo isso são partes da ponte, talvez...

References | Referências

KING, Katie. Women in the web. In: BOUSQUET, Marc; WILLS, Katherine (orgs.). *The politics of information: the electronic mediation of social change*. Stanford, CA: Alt-X Press, 2003, p. 303-314.